

## DISCURSOS E PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO: SUBJETIVIDADE DA MULHER E A MITOLOGIA

**Rosália Maria Netto PRADOS**

*Universidade de Mogi das Cruzes - UMC - SP*

**Sonia Maria ALVAREZ**

Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo – FATEC - SP

**Resumo:** Este trabalho trata de uma análise da construção do sujeito no discurso subjacente ao enunciado. Tem como objetivos descrever e estudar processos de identificação à luz da análise do discurso e linguística aplicada, para uma análise da subjetividade discursiva. Os efeitos decorrentes dessas linhas teóricas são aqui considerados de forma discursiva e a metodologia desta discussão fundamenta-se na análise do discurso de enunciados manifestados em depoimentos de professoras de ensino superior, bem como na referência dos discursos subjacentes à simbologia das deusas gregas, com suas diferentes metáforas, para uma descrição da subjetividade feminina.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso. Linguística. Metáfora. Mitologia.

## DISCOURSE AND PROCESSES OF IDENTIFICATION: WOMAN'S SUBJECTIVITY AND MYTHOLOGY

**Abstract:** This study deals with the construction of the subject with underlying discourse of the statement. Its main purposes are to describe and study the process of identification in the light of the discourse analyses and applied linguistics, to an analyses of the discursive subjectivity. The effect of these theoretical lines are considered discursively and the methodology is based on the analyses of discourse of manifested statements found in higher education professor's testimonials, as well as in the reference of underlying discourses related to the Greek goddesses, with their different metaphors to a female description.

**Keywords:** Discourse Analyses. Applied Linguistics. Metaphors. Mythology.

## DISCURSOS Y PROCESOS DE IDENTIFICACIÓN: SUBJETIVIDADE DE LA MUJER Y LA MITOLOGIA

**Resumen:** Este trabajo trata de un análisis de la construcción del sujeto en el discurso subyacente al enunciado. Sus objetivos son describir y estudiar los procesos de identificación a la luz del análisis del discurso y de la Lingüística aplicada, hacia un análisis de la subjetividad discursiva. Los efectos derivados de esas líneas teóricas son aquí consideradas de forma discursiva y la metodología de este estudio se basa en el análisis del discurso de enunciados expresados en testimonios de profesoras de educación superior, así como en la referencia de los discursos subyacentes a la simbología de las diosas griegas, con sus distintas metáforas, para una descripción de la subjetividad femenina.

**Palabras Clave:** Análisis del Discurso. Lingüística. La metáfora. Mitología

### INTRODUÇÃO

Este artigo objetiva refletir sobre os processos de identificação do sujeito nos discursos que se constituem nos dias atuais sobre a mulher-professora. Para isso pretende-se analisar alguns enunciados de depoimentos de professores sobre sua prática docente. Serão analisados, também, os discursos da simbologia das deusas gregas, com base em Bolen (1990) sobre os discursos femininos e suas diferentes metáforas. Propõe-se a observar a constituição dos processos de identificação do sujeito, a mulher, na cultura ocidental contemporânea e, em termos discursivos, analisar esses processos de identificação que são vistos como sempre incompletos, construídos ao longo de discursos, práticas e posições que podem se integrar ou ser antagônicos (HALL, 2006).

A metodologia em que se baseia este estudo é a da análise do discurso, a fim de se (re)construir processos enunciativos, para ampliar estudos sobre a heterogeneidade discursiva nos enunciados de depoimentos de professoras.

### 1. A QUESTÃO DA IDENTIDADE

As discussões sobre os processos de identificação coincidem com o chamado mundo pós-colonial (Hall, 2006) que utilizam recursos históricos, linguísticos e culturais para a produção daquilo que o sujeito se tornou na contemporaneidade. Como os processos são construídos dentro do discurso, "...em locais históricos e institucionais que são específicos, no

interior de práticas discursivas específicas” (Hall,2006 p.109), interpreta-se, neste artigo, o discurso da professora na atualidade, com o interdiscurso da linguagem metafórica das deusas gregas.

Os processos de identificação femininos, construídos no interior do jogo de poder e da exclusão, separam a mãe, a mulher que tem uma profissão, a filha, a esposa, dentre outras possibilidades, forçando-as a assumir seus lugares como “...os sujeitos sociais de discursos particulares e por outro lado, os processos que produzem subjetividade que as constroem, como sujeitos aos quais se pode falar” (HALL, 2006, p.112).

Como tais processos pertencem ao imaginário, os mesmos desestabilizam o aparente centramento da mulher, em seus diferentes papéis sociais, ao marcar o conflito: eu/outro. Ao se dizer que há identidades em conflito (o que é certo hoje e sempre, pois não há completude), elas podem ser idealizadas no interior de mudanças sociais e econômicas, pois o sujeito é fruto de múltiplas identificações imaginárias e, ou simbólicas.

Vale lembrar, conforme Coracini (2011, p.13), que “Somos o que nosso imaginário nos permite ser, ou melhor, vemo-nos – a nós e os outros – a partir de imagens ou representações que fomos construindo a partir do olhar do outros...”.

Propõe-se, portanto, uma análise dessas relações de interdiscursividade nos discursos subjacentes aos depoimentos de professoras, para uma discussão sobre papéis e valores que a sociedade brasileira atribui à mulher, mais especificamente, manifestados no discurso sobre as escolhas que as próprias mulheres fazem para sustentar sua própria identidade.

## **2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER E O TRABALHO NO CONTEXTO CONTEMPORÂNEO**

Para tecer considerações sobre o discurso implícito da mulher e de seu trabalho, na atualidade, necessário se faz um retorno ao passado, à memória discursiva, pois o que passou se relaciona com o presente e prepara o futuro (CORACINI, 2007)

A mulher brasileira, ainda hoje, encontra diversos preconceitos que fazem parte da constituição do imaginário discursivo de muitos e ainda é “... vista e se vê como uma figura secundária, um fator de ajuda ao homem: por outro lado é vista e se vê como o centro de toda a opressão, um ser frágil que tem necessidade de proteção do homem e da lei...”, conforme menciona Coracini (2007, p.89).

Em passado recente, a mulher brasileira conquistou o direito de votar e, aos poucos, conquistou o direito de trabalhar fora de casa, além dos trabalhos caseiros e tradicionais a que se dedicava. Trabalho esse que não deveria interferir ou prejudicar suas tarefas domésticas ou, por outro lado, competir com os homens, em funções voltadas ao universo de trabalho masculino.

Para Coracini (2007), os valores masculinos estão presentes no inconsciente do homem e da mulher e emergem das práticas discursivas, pois a mulher precisa se impor como homem, agredir, delimitar espaços, impor limites, trabalhar fora e também é importante que perceba que há realização, a partir dos maridos e dos filhos, daí a utilidade da vida feminina, vista de forma tradicional.

De qualquer forma, a ocupação das mulheres não deveria conflitar com o *status quo* e elas deveriam dedicar-se a profissões que pudessem condizer com suas características biológicas e sociais, daí as profissões femininas de professoras, secretárias, enfermeiras, costureiras, cabeleireiras etc.

Com o passar do tempo, as mulheres começam a exercer profissões diversas que, há bem pouco tempo, pertenciam exclusivamente ao universo masculino.

Pode-se afirmar que “O que liga os indivíduos à sociedade hoje é sua atividade como consumidores” (Bauman, 2010, p.227) e a mulher, em termos de valores masculinos, também, se encaixa como sujeito contemporâneo, segundo essa afirmação do autor. Obviamente, o consumo requer o poder financeiro e é o dinheiro que o viabiliza. O exercício da profissão, por sua vez, com sua remuneração, permite tal consumo e, por sua vez, possibilita a construção e a

constituição de um sujeito. Justifica-se, até, o fato de os discursos gerados na sociedade contemporânea, de consumo, terem possibilitado a emancipação da mulher.

A mulher atual carrega consigo o passado feminino que a constitui como um ser frágil, emocional, inferior ao homem, dedicada aos afazeres domésticos e à criação e educação dos filhos, como memória constituída pelo esquecimento, mas que aparece em suas falas, em sua realidade pessoal e profissional e o presente, que a considera, ao menos teoricamente, como alguém independente, competitiva e aceita em meios sociais, antes permitidos somente aos homens.

Os discursos que constituem a identificação da mulher professora, como sujeito dos discursos da educação contemporânea, possuem uma rede de significações, por sua vez, geradas no processo histórico brasileiro. Segundo Costa e Prados (2010), no final do século XIX, surgiu a necessidade da educação para mulher, porém para muitos não podia ser concebida sem a formação cristã, pois permanecia como dominante a moral religiosa, em que se apontava para a mulher a dicotomia entre Eva e Maria.

As primeiras escolas normais para formação de docentes foram abertas em meados do século XX, no Brasil, moças e rapazes estudavam em classes separadas, se possível, inclusive em turnos ou instituições separadas. A classe das meninas deveria ser regida por *senhoras honestas*. Observa-se que uma série de rituais e símbolos, doutrinas e normas foram impostas para formação dessas mulheres (COSTA e PRADOS, 2010).

A mulher é fruto de múltiplas identificações presentes e passadas e dentre elas, as professoras, que ainda podem ser vistas, de forma tradicional, um sujeito com uma profissão de apoio ao homem, como ideal de vida, de ajuda ao próximo e não como sujeito de uma profissão efetiva, autônoma e de caráter masculino essencialmente. Essa é uma interpretação estabilizada que constitui o imaginário feminino, dentre outras possibilidades. Tais aspectos estão presentes na constituição da subjetividade discursiva nos discursos sobre a mulher, ou sobre a profissão de professora.

De qualquer forma, a professora não tem controle sobre esse imaginário, que foi construído culturalmente nos discursos, e constitui, por sua vez a formação discursiva que se manifesta em falas, atitudes e valores que permeiam o universo escolar, em histórias de professoras, cujos depoimentos procuramos analisar à luz do estudo de algumas metáforas, com base na interpretação da mitologia das deusas gregas. Formação discursiva é uma noção primeiramente apresentada por Michel Foucault em *A Arqueologia do Saber* (ALVAREZ, 1999), e, mais tarde, é vista em análise do discurso como indissociável da noção de interdiscurso.

### 3. ALGUMAS METÁFORAS: AS DEUSAS GREGAS

A mitologia possibilita vislumbrar a alma humana, a natureza instintiva que se mantém oculta por baixo das aparências da civilização. Cada arquétipo representa um padrão fixo e específico do comportamento humano, e de alguma forma, funciona como discursos constituídos culturalmente que constituem o discurso feminino (COSTA e PRADOS, 2010). Os arquétipos são representações que estão personificados nos personagens que aparecem nos mitos e no folclore, através dos tempos. São arquétipos típicos as divindades da Grécia e da Roma antigas, os deuses e as deusas da guerra, do amor, da cura, da comunicação e tantos outros.

O mito não é uma explicação destinada a satisfazer uma curiosidade científica, mas uma narrativa discursiva que faz reviver uma mentalidade primordial, que satisfaz profundas necessidades religiosas, aspirações morais, pressões e imperativos de ordem social, ou mesmo, de exigências práticas (COSTA e PRADOS, 2010).

As deusas gregas, com suas histórias e relacionamentos, serão as metáforas utilizadas na analogia com a fala de algumas mulheres-professoras e, respectivamente, os processos de identificação nos seus discursos.

A metáfora é vista neste artigo como constitutiva da linguagem, em grande extensão. Sob o enfoque teórico de Lakoff & Johnson (1980), a metáfora é cognitiva, resultado de uma construção mental e grande parte dos enunciados da linguagem comum, cotidiana, são metafóricos. A metáfora, por esse viés, não é mais considerada como desvio, mas como

fenômeno central na linguagem e no pensamento, presente na linguagem tanto cotidiana, quanto literária, quanto científica.

Os autores mencionam que a compreensão do mundo e da cultura acontece por meio de metáforas e propõem o enfoque experiencialista para justificar a metáfora (conceito metafórico) como uma racionalidade imaginativa, que une razão e emoção.

Posteriormente, os autores tratam o conceito metafórico como metáfora conceptual, algo questionado por outros autores que não acreditam em uma distinção rígida entre metáfora conceptual e cultural, pois nem todos indivíduos possuem as mesmas metáforas conceptuais elaboradas pelos autores (ZANOTTO, 2002).

Para este artigo, em termos gerais, considera-se a metáfora infiltrada na vida cultural, tanto como pensamento quanto como ação, muitas vezes de forma inconsciente. Os valores culturais, por sua vez, são coerentes com a estrutura metafórica dos principais conceitos de uma determinada cultura. Daí o interesse em analisar os enunciados da fala das professoras, com base nas metáforas culturais da mitologia das deusas gregas.

Para Bolen (1990), a mitologia grega é representante de uma cultura patriarcal que é constitutiva da cultura ocidental, inda que pela memória do esquecimento. Bolen (1990) salienta que os mitos, com suas deusas, mostram os caminhos da mulher, em diferentes culturas, baseados em imagens simbólicas, constituindo padrões internos de comportamento que são chamados de arquétipos. A grande deusa, presente em várias culturas, fragmenta-se, entre 4500 e 2400 AC, em muitas deusas menores. Estas estão presentes, ainda hoje, em cada mulher e refletem a vida numa cultura patriarcal.

Para efeito de estudo, a autora acima enfoca sete deusas, com características específicas. Divide-as em três grupos, conhecidos como as deusas vulneráveis (com necessidade de vínculos, pois seu bem estar depende de relacionamentos significativos e estão sempre voltadas para o outro), como as deusas virgens (com seus valores, independente do pensamento coletivo, que possuem aspectos não afetados pelas expectativas coletivas, culturais e sociais) e como a deusa alquímica, Afrodite, (possui autonomia nos

relacionamentos, busca o prazer, é criativa, possui desejo pelo conhecimento e força para mudança). Vale lembrar que a deusa alquímica é marginalizada na sociedade patriarcal, por padrões de moralidade culturais. Segundo a mitologia grega:

Afrodite, com seus inúmeros amores, é eternamente virgem, não é de ninguém, mas de todos, e absolutamente fiel a sua natureza e essência, que é espargir o amor e a paixão por toda a face da Terra. Suas aves amadas eram a pomba e o pardal, seus mensageiros, e sua flor predileta era a rosa vermelha, pois esta simbolizava a paixão ardente (COSTA e PRADOS, 2010, p. 174).

Entre as deusas vulneráveis, estão a esposa, a mãe e a filha, cujo bem estar depende de relacionamentos significativos, com necessidade de vínculo. Possuem uma percepção difusa, com enfoque de atenção no outro. Hera representa o casamento, o compromisso. Demeter é a mãe, a que nutre, com a depressão e a angústia que acompanham a maternidade. É persistente, generosa, confiável e com fortes convicções. Perséfone, como filha, receptiva, com personalidade não diferenciada, sem ação, conduzida pelo outro. Para tais deusas, a cultura patriarcal condiciona a feminilidade à passividade e à dependência, sem explosões de raiva, com a repressão dos sentimentos.

As deusas virgens, com a consciência focada, seguem valores significativos para sua própria vida, com aspectos não afetados pelas expectativas coletivas, culturais e sociais. Invulneráveis ao sofrimento, intocáveis nos relacionamentos e inacessíveis à transformação. Possuem autonomia, autossuficiência, competência e objetivos próprios. Artemis dedica-se à caça e à luta, com vida livre e individualista. Atenas identifica-se com os homens, é sábia e dedica-se às artes. Héstia, por sua vez, dedica-se à religiosidade, é retraída e anônima, valoriza e cuida das tarefas diárias, com ênfase em valores internos.

Finalmente, a deusa alquímica é a que possui autonomia nos relacionamentos. É Afrodite, a deusa do amor, que se transforma por ela mesma, nunca vitimada e sem sofrimento. Possui liberdade de escolhas, desejo de conhecimento, força para mudança, com consciência focada e receptiva, função criativa e procriativa, amante da arte, da dança e da música e voltada à humanidade.

Com essa generalização sobre as metáforas e as metáforas das deusas gregas, passa-se à análise de depoimentos de algumas professoras, colhidos em sala de professores de uma universidade particular da grande São Paulo. Afirma Coracini (2011) que traços de si são deixados quando se fala de si, quando se diz, quando se envolve, pois o falar de si envolve memória quando o passado se faz presente e presente, transforma-se e interpreta o passado. Interpretação essa que deixa outros sentidos de lado, de forma consciente ou inconsciente.

Insera-se aqui a questão da memória, vista de forma discursiva, como uma forma de o sujeito se dizer e dizer o mundo, como parte de sua constituição. Essa memória discursiva é atravessada por gestos de interpretação e enfatiza o esquecimento. Sempre que se interpreta algo não há possibilidade de isenção e, numa entrevista, o entrevistado, também, não é imparcial, objetivo, pois a subjetividade faz parte das ações do ser humano, inclusive aquelas que aparentam objetividade e distância do sujeito.

#### 4. DEPOIMENTOS DE PROFESSORAS E POSSÍVEIS CONSIDERAÇÕES

Foram selecionadas algumas professoras de uma universidade privada da grande São Paulo, com um questionamento básico: *Como você define a profissão de professora em sua vida?*

Vale lembrar que as considerações aqui veiculadas, a partir do questionamento acima, possibilitam interpretações múltiplas, como mencionado no final do tópico anterior, mas pretende-se analisar o discurso desses depoimentos.

A professora W, com 58 anos de idade, fala sobre sua profissão, *“ela me dá muito equilíbrio, satisfação pessoal e complementa minhas necessidades materiais.”*

Na fala da professora, aparecem discursos em que se podem verificar processos de identificação tradicionais e idealistas, pela própria idade e vivência, mostra o conflito entre o passado e presente, das representações femininas tradicionais e atuais: o passado emerge com a satisfação pessoal, com o equilíbrio, aqui interpretado como o ser feminino apaziguado, sem conflitos ao representar as funções tradicionais voltadas ao sexo feminino, pois, segundo

o discurso presente no seu depoimento é o de que *ser professora é como continuar a educação dos filhos, é ser frágil, meiga e delicada*. Já a complementação das necessidades materiais remete à não completude, pois a profissão não dá conta dessas mesmas necessidades, só as complementa. Pode ser que seu sustento esteja representado pelo salário do marido ou que se mantém, sozinha, porém de forma insatisfatória.

Quando se retoma a metáfora das deusas gregas, para a fala em questão, vê-se a metáfora de Athena, que é a deusa com consciência focada, com valores voltados à sua satisfação pessoal, pois a profissão referenciada neste enunciado, *“me dá equilíbrio, satisfação pessoal e independência”*, constitui-se uma identificação com os homens.

O termo *equilíbrio* utilizado pela professora mostra que a profissão lhe dá uma estrutura de *não conflito*, com um sentimento de gratificação pessoal, o que remete à visão da profissão como missão, como algo superior e o rendimento obtido com o trabalho e o valor recebido pelo trabalho não é o principal, pelo uso do verbo complementar, o que dá a entender que o salário não representa sua fonte de renda principal.

Sua fala apresenta um discurso que remete à deusa virgem Héstia, como se o trabalho de professor a espiritualizasse, a complementasse internamente, como se sua individualidade não fosse mais necessária para se impor, de forma atuante e significativa, perante os diferentes grupos sociais.

Por sua vez, SR, com 45 anos, diz que seu trabalho como professora *“vem em primeiro lugar. Constatei esse fato por passar a maior parte de meu tempo envolvida com isso. Faço o que gosto, daí o envolvimento”*. O valor à profissão presente na fala da professora constitui um discurso que pode ser representado pela metáfora da deusa Athena, identificada com valores masculinos patriarcais. Em seu depoimento não se verificam valores que podem ser representados pela metáfora da deusa Deméter, a mãe, ou aquela que cuida dos alunos, ou então, a metáfora da deusa Perséfone, a filha, que necessita de cuidados, aqui vistos no contexto profissional. Em sua fala, não menciona a família, possui valores que contradizem a cultura patriarcal feminina, de dependência emocional e financeira. Por sua vez, quando menciona o gostar da profissão e o envolvimento disso decorrente, manifesta-se um discurso

que pode ser representado pela metáfora da deusa Afrodite, que busca o prazer, a criatividade, em seus atos.

M, com 60 anos, diz: *“Acredito na possibilidade de transformação social ou revolução comandada pela educação. Particularmente, a mais importante das profissões, independente de a relação professor /aluno, trazer reconhecimento ou não. Só que é uma forma desvalorizada, desprestigiada de ganhar a vida, mas com grande possibilidade de transformação da escola.”*

Primeiramente, em sua fala, manifesta-se um discurso que pode ser representado pela metáfora da deusa Athena que, com seu vigor e com sua vontade de lutar, quer transformar o mundo, inda que de forma identificada com os homens. Por outro lado, em seu discurso apresenta valores como a desvalorização, o desprestígio da profissão, enfocando que é uma luta inglória, valores estes que podem ser representados pela metáfora da deusa Perséfone, a filha, que necessita ser cuidada, por não ter valor, por si mesma.

AC. 37 diz que *Trabalha a construção do conhecimento. É gratificante ver os resultados, o crescimento. É preciso espelhar-se no mestre. Devemos acreditar mais na gente. É legal ajudar na formação. Eu gosto. Só que não dá um bom retorno financeiro. Se não fosse o marido, minha vida financeira seria muito restritiva.*

Nesta fala, o discurso apresenta um conflito que se torna evidente: valorização dos resultados alcançados pela profissão, mas que sucumbe ao universo masculino, pois depende dele em termos financeiros e sociais. Quando menciona que deve acreditar em si mesma, apresenta valores que podem ser representados pela metáfora da deusa Afrodite. Nesse discurso apresenta-se uma visão de independência comprometida, que a profissão deveria trazer e não traz. São valores que podem ser representados pela metáfora da deusa Perséfone, a filha que necessita de cuidados, que não cresce, depende do outro, com forte representação patriarcal. Aparece o sonhar, valor análogo à representação de Héstita, com o espelhar-se no mestre, na transcendência.

S. 60 anos menciona que *A profissão me sustenta há 40 anos. Gosto de falar que o professor é artista. É tradição feminina seguir a carreira do magistério. Era preciso respeitar o que a sociedade permitia e sair para trabalhar fora, só como professora. Hoje, seria médica ou enfermeira.*

A fala da professora, com sua idade, apresenta um discurso em que se mostram os limites que cerceavam/cerceiam a mulher que trabalha fora de casa, como menciona Coracini (2011) pois a mulher atual carrega consigo o passado feminino que a constitui como um ser frágil, emocional, inferior ao homem, dedicada aos afazeres domésticos e à criação e educação dos filhos, que aparece em suas falas, em sua realidade pessoal e profissional e o presente, que a considera, ao menos teoricamente, como alguém independente, competitiva e aceita em meios sociais, antes permitidos somente aos homens e que lhe permitiria ser médica ou enfermeira nos dias atuais.

A metáfora da deusa Perséfone apresenta-se no discurso da tradição feminina que respeita o que a sociedade permite, o que pode ser feito além dos limites da casa, do lar. Ao mesmo tempo, a profissão dá o sustento, valor representado na metáfora da deusa Athena que se porta como homem, que segue os ditames patriarcais e se posiciona na sociedade como o elemento masculino que traz o sustento para casa, que cuida. Não fica claro o posicionamento de que o professor é artista: quer mencionar as dificuldades da carreira? Quer se referir às artes, às humanidades, também representados pela metáfora da deusa Afrodite que busca o prazer, em seu viver ou se refere a seu conflito permanente entre o querer e o ser?

J. 25 anos: *Não gosto de dar aulas. Meu pai disse que só pagava o curso de Letras. Então, fiz sem gostar. Agora dou aulas para pagar o que quero fazer: turismo e sair dessa agonia que é o trabalho diário em sala de aula.* Aqui a jovem expõe um discurso que contém valores representados pela metáfora da deusa Perséfone de forma significativa: o pai a obrigou a seguir tal profissão e, mesmo hoje, em um mundo pós-moderno, sente a pressão do sistema patriarcal, que lhe causa fúria, raiva e uma dependência da qual pretende se livrar pois, com seu trabalho como professora, pagará o que pretende seguir, como carreira. Nesse

discurso, manifesta-se um processo de identificação com o masculino, representado pela metáfora da deusa Athena que luta por se impor, ainda que de forma tradicional.

P. 35 anos *Sou chefe de família, sustento meus filhos e estudei à noite. Gosto do trabalho. Só sei fazer isso. Era meu sonho.*

Manifesta-se um discurso de um pai que supre a família, que pode ser representado pela metáfora da deusa Athena que se identifica com o universo masculino. Nesse discurso apresenta-se a mãe que cuida, que pode ser representado pela metáfora da deusa Deméter, mas que agrega valores masculinos, pois é chefe de família e sustenta a casa. O fatalismo, a impossibilidade de mudança estão presentes em seu discurso, ao mencionar que só sabe fazer isso: está presa ao emprego tradicional feminino. O sonho é representado por Démeter, pois ser professor é cuidar de muitos, não só da família, mas sem perder a feminilidade tradicional, como papel básico, feminino.

F. 47 anos *No começo, havia grande empolgação e motivação, por trabalhar no curso de minha própria formação. Com o passar do tempo, com o declínio das licenciaturas e trabalhando em cursos diversos, raramente encontro motivação. Sinto um grande cansaço e não vejo a hora de me aposentar. Apesar de, sem falsa modéstia, me considerar ainda uma boa professora. Os alunos gostam da minha aula.*

A metáfora da deusa Afrodite aparece no discurso manifestado no início da fala da professora, com a empolgação e a motivação e o tempo, inexorável a remete ao declínio, à prisão dos cursos diversos, que a afastam de sua motivação primeira, que por sua vez, são valores representados pela metáfora da deusa Perséfone, que necessita da mãe Deméter para ser salva, para ser cuidada. A filha, impossibilitada de tomar decisões, que se submete à tradição, ao poder patriarcal que espera a aposentadoria para ser livre, para curtir ou para se livrar de tais amarras profissionais. Quando menciona que os alunos gostam de sua fala, conta com o apoio do outro, ainda valores representados por Perséfone, para se valorizar e aceitar a decepção causada pelo passar do tempo.

As falas das professoras acima descritas e analisadas apresentam discursos em que se reitera o conflito entre a memória constituída pelo esquecimento e a memória institucional, da atualidade. Várias divisões se fazem presentes quando as professoras mencionam sua atividade profissional, ora classificando-a como sonho, prazer, escolha aparentemente individual e única, ora como algo permitido pelo momento histórico em que se inserem.

Vale notar que a questão da faixa etária não influi em tal divisão. Tanto professoras com uma carreira sedimentada, quanto as novas integrantes do quadro do magistério, evocam diferentes vozes que as constituem.

A questão financeira, também se faz presente, com ênfase no sustento da família, na luta diária por melhores condições de vida e por que não dizer, com possibilidades ampliadas de consumo que representa o alicerce da sociedade pós-moderna, ocidental.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

As professoras, nessas entrevistas, evidenciam em suas falas, valores discursivos constituídos culturalmente. Foram vistas a partir de imagens, representadas pelas metáforas das deusas gregas e por diferentes representações construídas historicamente.

A mulher pós-moderna tem realizado diferentes papéis na sociedade e isso altera a organização familiar e também a vida pública. Ela é esposa, mãe, trabalhadora. Assume várias identidades frente a determinados papéis e esta mulher contemporânea luta para conquistar sua independência econômica e política.

Os processos de identificação femininos construídos ao longo do tempo, unem de forma contraditória, a mãe, a mulher que tem uma profissão, a filha, a esposa, a mulher independente, reforçando papéis tradicionais, sem excluir o sonho de mudança, com à espera/luta por outros espaços culturais, mais significativos, condizentes com os tempos atuais e com suas aspirações.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Marcos César. Michel Foucault e a 'Ordem do Discurso'. In: CATANI, Afrânio Mendes e MARTINEZ, Paulo H. (orgs). *Sete Ensaios sobre o Collège de France*. Coleção Questões da Nossa Época. São Paulo: Cortez, 1999.

BAUMAN, Z. **Legisladores e intérpretes** RIO DE Janeiro: Zahar Editores, 2010.

BOLEN, J.S. **As deusas e a mulher**. São Paulo: Edições Paulus, 1990.

CORACINI, M.J.F. **A celebração do outro**. Arquivo, Memória e Identidade. Campinas: Mercado de Letras, 2007

CORACINI, M.J. Entre a memória e o esquecimento: fragmentos de uma história de vida. In: CORACINI, M. J. e GHIRALDELO, C.M. (orgs.) **Nas malhas do discurso**: memória, imaginário e subjetividade. Formação de professores (língua materna e estrangeiras), leitura e escrita. Campinas: Pontes Editores, 2011, p.23-74.

COSTA, S. R. da; PRADOS, R.M. N. Discursos da mulher contemporânea e o mito de Afrodite. In: SILVA, G. G. da; VIEIRA, T.M. (orgs). **Literatura e Cultura em Diálogos: perspectivas múltiplas de Leituras**. São Paulo: Factash editora, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: SILVA, T. T. e LOURO, G.L. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University Of Chicago Press, 1980.

Zanotto M.S. Apresentação à Edição Brasileira. In: LAKOFF, G. & JOHNSON. M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução do grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora. São Paulo: EDUC, 2002. p. 9 - 38.

### **Rosália Maria Netto PRADOS**

Doutora em Semiótica e Linguística Geral, pela Universidade de São Paulo; pós-doutora em Ciências da Comunicação, pela Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo; especialista em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua e graduada em Letras e em Pedagogia, pela Universidade de Mogi das Cruzes. Atua na área de Comunicação, Letras e Linguística, com ênfase em Semiótica e Análise do Discurso. Atualmente, desenvolve pesquisas na linha: Diversidade Cultural, Políticas Culturais e Cidadania, com foco em Semiótica, Semiótica da

Cultura e Sociossemiótica, sobre os seguintes temas: cidadania e sustentabilidade, cultura e educação, discursos políticos, publicitário e jornalístico. Professora pesquisadora do Programa de Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes; Professora Associada da Faculdade de Tecnologia, FATEC de São Paulo e de Itaquaquecetuba.

**Sonia Maria ALVAREZ**

Possui graduação em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes (1971), graduação em Pedagogia pela Universidade de Mogi das Cruzes (1973), mestrado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1993), doutorado em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998) e pós-doutorado pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (2006). Atualmente é professora da Faculdade de Tecnologia de Itaquaquecetuba. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Portuguesa e Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso, identidade, leitura, metáfora, educação, contos, mitos e provérbios.